

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 30, RUA IVENS

Pedigir todos os pedidos de assinaturas e anúncios
anúncios em Portugal ao SR. DAVID CORAZZI, 12, Rua
da ATALAYA, LISBOA; e no Brasil, ao DR. JOSÉ DE
MELO, 28, rua da Quintana, RIO DE JANEIRO.
Preço do número à Parte, 2 francos.

7.º ANNO.—VOLUME VII.—N.º 22

LISBOA 30 DE NOVEMBRO DE 1890

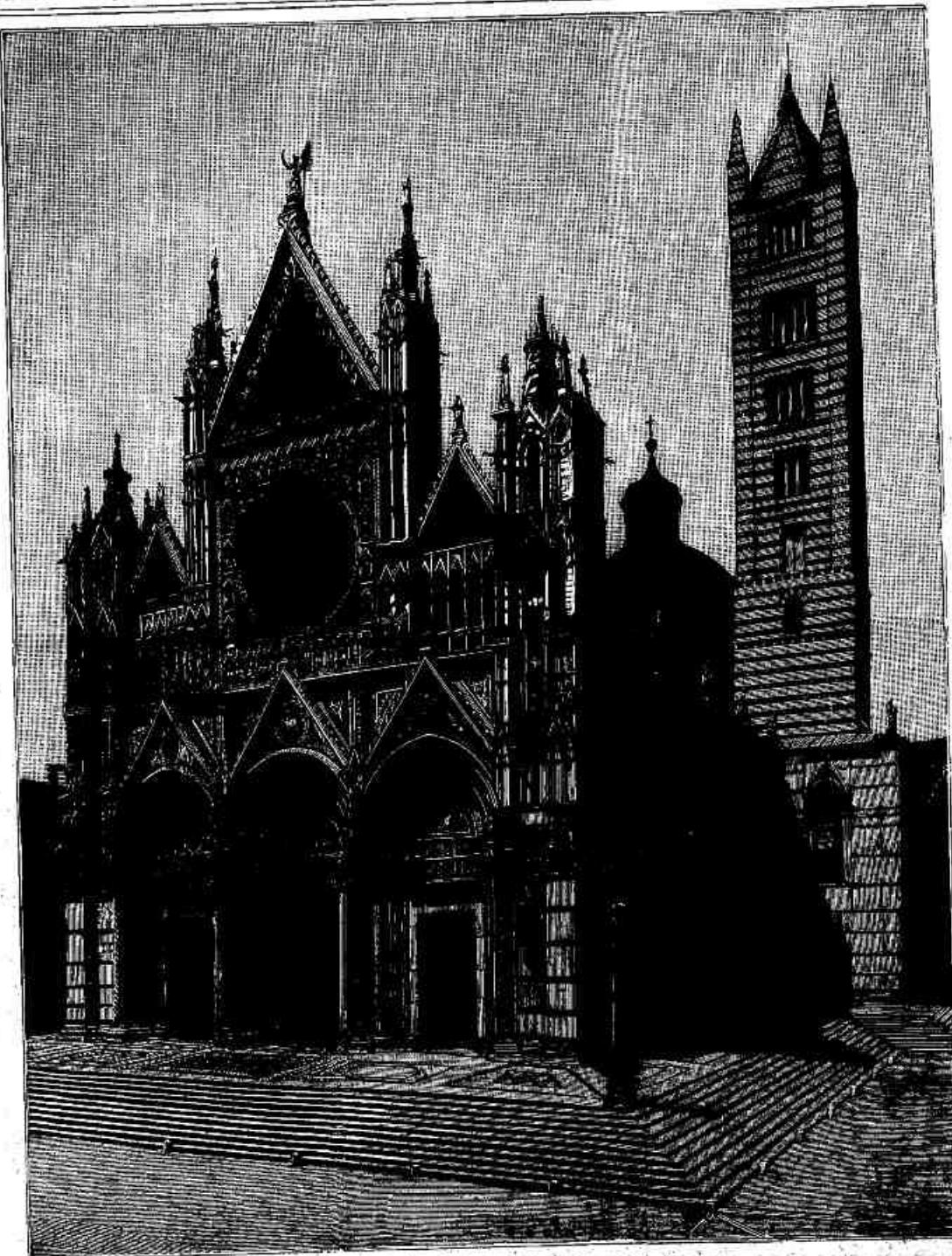
Gerente em Portugal e Brasil: DAVID CORAZZI.

PORUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS:

ANNO.....	5.400 REIS.....
SEMESTRE.....	1.300 —
TRIMESTRE.....	600 —
AVULSO.....	100 —



ITALIA. — A CATHEDRAL DE SIENNA, EM PARTE DESTRUIDA POR UM INCENDIO.



CHRONICA

O INVERNO

— 1881 —

O UANDO os dominios passam por Lisboa e seus arredores, por estes dias de sol e doce temperaturas que mais parecem dias de primavera do que dias de novembro; quando aos domingos desço o Tejo ate Pedroucos, e depois faço a viagem em caminho de ferro ate Cascaes — vão-se-me os olhos nas formosuras do nosso rio e das suas margens, e todo o meu ser agradaço comovido a essa a quem chamam o Supremo Arquitecto, a bondade do clima que me alga, a prezéz do azul que me enche de felicidade e a doçura d'essa luz que me inunda de alegria... Dias creadores! dias sumptuosos!

E lembro-me então dos terríveis invernos do norte...

Que tristeza de novembros! Enquanto nós andamos mergulhados em luz, os pobres filhos do norte têm de trabalhar de dia à luz do gaz e à luz electrica, porque os nevecos lhes occultam a luz do sol... Enquanto nós gosamos da mais doce, da mais suave das temperaturas, os pobres filhos do norte, bloqueados pelo frio que os não deixa sair de casa, passam as horas vendo cair a neve em mudos turbilhões, cobrindo as cidades e campos, e suspendingo a actividade e a vida por toda a parte por onde se extende...

Que tristeza de novembros! É quando não é a neve, dando um tom tumular a todas as coisas que ella envolve; e quando não é o nevónito, deixando-nos dias e dias sem a luz que vivifica e anima — são os dias de chuvas prolongadas, cabendo incessantemente, como um castigo do céo; são as temperaturas de 12 graus abaixo de zero, e os fâns divers dos jornais, dando parte aos seus milhões de leitores do numero de pessoas encontradas mortas, — mortas de frio e de fome...

Que tristeza de novembros! Porque há capitais para o norte da Europa, muito ricas e mui belas que Lisbona, onde se morre de frio, e onde se morre de fome... Enquanto Deus louvado! — n'esta Lisbona, de que todos os nossos casquilhos e gommosos solidamente pelintras dizem mal e tanto ridiculism — não me consta que haja exemplo, nem de morte por falta de pão, nem de morte por falta de calor...

Não têm os gommosos do Chiado, um Bosque de Bolonia ou um Hyde Parkzinho, para mostrarem as damas suas artes e ademães sobre as pieças em que trotam pela Avenida... A camara ainda nisso não pensou, e que muito afflige os citados insectos. Mas temos nós todos que amamos a vida com todos os gosos que ella nos possa dar, una Lisbona sem rival, pela sua beleza, pelo seu clima, pela suavidade d'este inverno que deixa a perder de vista tudo quanto por ahi se apregoa de Nice e de Monaco.

* * *

O que devérás me enfurecer, à proporção que me deuento com os meus passeios dominicais pelas margens do Tejo abaixo — é ver como nos nem sequer sabemos tirar proveito

das riquezas com que a natureza nos dotou. Lisboa podia ser dentro em breves annos (se o Estado e o Municipio n'isto pensassem seriamente) a rival de todas as cidades do Mediterraneo.

Lisboa é, como capital d'inverno, pelo seu clima e pela sua situação, a cidade ideal de toda a Europa.

O Sud-express veiu collocar-nos a 49 horas de distancia de Paris, isto é, da capital mais rica da Europa. D'aqui ate poucos far-se-há a mesma viagem em 36 horas.

Porque razão a gente rica, que de inverno suspira pelo sol, em vez de ir gastar papinhos d'ouro para o litoral mediterraneo — não vem passar o inverno a Lisboa?

Porque razão as famílias dos ricos negociantes que fazem a viagem do Cabo e da America do Sul, não vem ate Lisboa assistir ao embarque e ao desembarque d'aqueles que mais estremecem?...

Porque Lisboa não lhes fornece nenhum conforto, nem nenhuma distração; porque é uma capital sem as suas festas tradicionaes, sem distrações, sem teatros, sem casinos e sem hoteis?

Temos um carnaval, como Nice. Mas quanto o Municipio de Nice promove as festas do entredo e as anuncia por toda a Europa para atrair viajantes à cidade, — o carnaval de Lisboa anda por essas ruas, roto, imundo, repelente, entregue á fantasia dos gallegos, dos gaúchos e dos pandegos... Em Nice os premios para as melhores cavalgadas, para as melhores mascaras, para as melhores decorações das casas e das ruas; durante o entredo em Lisboa o carnaval é o pretexto para a cidade ficar imunda durante quinze dias.

Quise alguém dizer ao Municipio de Lisboa que tome conta do entredo, e faça d'ele um attractivo para a Europa. Quise o Municipio fazê-lo... Estou certo que mettiam n'um processo e mettiam na cadeia todos os vereadores — se os não mandassem por candidato para um hospital de deidos...

Mas ainda que se fizessem as festas; — onde ha os hoteis para alojar famílias que querem viver luxuosamente; onde ha os casinos; onde ha os theatros para distrahir essa população de passageiros... São Carlos, onde uma senhora em toilette de sonré e um homem que veste uma casaca, contem todas as noites o risco de apanháre uma pneumonia... E depois? Que temos depois dessa geleira que se chama São Carlos?... Os circos?...

* * *

Ora de cada vez que penso n'esta Lisboa de que tanto gosto, e nas sommas fabulosas que os governos andam gastando inutilmente para a fortificar e pôr-a ao abrigo não sei de que invasor imaginario e terrível — lembra-me que melhor seria aplicar essas sommas em tornar Lisboa o que ella ainda não é... em a tornar umadapatada.

Em vez de quartéis e fortes hoteis e theatros.

Em vez de linhas estratégicas — parques e avenidas.

Em vez de paradas e exercícios militares — festas e maiores festas.

Que à entrada do Tejo e na fronteira, se mandassem por taboletas onde se lesse:

ALTO AQUI! ...

AQUI ESTÁ O PAIZ DA FELICIDADE!...

E como não sabemos produzir coisa alguma, por esta somma de mandanças que tanto nos distingue, saibamos ao menos produzir bem-estar para obrigar o estrangeiro e principalmente os ingleses, a vir aqui gastar os bilhetes que nos rouba em África.

Ha mezes decretou-se a criação dum ministerio d'instrução publica. Entro profundo! Se querem ser ricos e felizes, só devem pensar num conselho: — criar quanto antes um Ministerio de reposição publica!

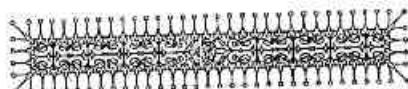
Nesse dia, todo a Europa que pode gastar, irá gastar uma boa parte do seu dinheiro a Lisboa.

Sabíamos explorar dignamente este céo, este sol, este Tejo, e esta, que é de mármore e de granito — de granito quando se lhe quer fazer entrar uma boa ideia pela cabeça dentro...

A Europa explorava em África, indecorosamente. Sabíamos, limpamente, explorar a Europa — dentro da propria Europa! — servindo aos reis todas as fantasias, todos os appetites, todas as seduções, todos os caprichos que esses ricos ambicionem.

Sejamos práticos, para que a posteridade não diga um dia — que fomos tólos...

Mamãe! Pira.



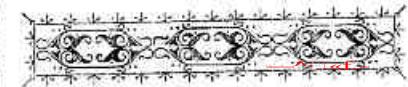
ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

CLARÃO

Não visto como lu pouco, descobrindo
O sol, n'um instante desencontro
De duas nuvens carregadas, lindo
Que fez tudo, céo e mar tão contro!

Per que é!
Deixa-me ver teus olhos um momento!
Lindo como se o sol, no firmamento,
Me raiasse outra vez!

João de Deus.



DO «INTERMEZZO», DE HEINE

• Ramalho Ortigão

Eciam horas do chã. Em torno à mesa,
A conversa caíca com presteza.
Num thema velho — o Amor.
Sentimetaes, as damas discutiam,
E os cavalheiros, placidos, faziam
Estheticas, a primor.

Com syllabas medidas, gravemente,
— Deve o Amor ser purissimo, inocente —
O conselheiro diz,
E um ai! d'uma ironia convulsiva
Na conselheira mostra a imagem viva
De quem não é feliz.

Da palavra apossando-se, em seguida,
O conego assevera, em voz sentida:
— O Amor, sim, já se vê
Que, quando é sensual, destro e mata —
E a donzella interroga timorata:
— Miss... diga-me: — porque?

A condessa exclamou com voz dolente:
— O Amor ha de ser sempre, eternamente,
Uma doce paixão —
E uma chavena — em quanto isso dizia —
Apresenta, com toda a cortezia
Ao vizinho barão.

Mas havia, na mesa, um lugar vago:
Faltava alli o seu celeste afago,
Minha adorada flor!
Ah! se alli estivesses, saberias,
Por entre tão diversas theorias,
Dizer o que é o Amor!

José Tomás de Araújo.



AS NOSSAS GRAVURAS

A CATHEDRAL DE SIENNA

Um dos mais bellos monumentos dos primeiros tempos da renascença italiana foi ha pouco em grande parte destruído por um violento incêndio.

O fogo declarou-se na tarde de 17 de outubro. Foi originado por uns operários imprudentes que andavam concertando a cobertura de zinco da cúpula.

Apenas se manifestou, o incêndio propagou-se com extrema rapidez, activado por um vento violentíssimo. Em poucos minutos a cúpula estava toda a arder e o fogo invadia os telhados próximos.

Apesar dos socorros que acudiam de todas as terras proximas, até da cidade de Florença, a catastrofe não pôde ser conjurada, e a cúpula desabou, arrastando consigo outras partes do edifício.

A cathedral de Siena, toda construída em marmore branco, cor de rosa e preto, é muito celebre pela riqueza da sua ornamentação. Os maravilhosos *graffitti* de Beccafumi, as madeiras do côrpo, os altares com as estatuas de Miguel Ângelo e de Donatello, a livraria, ornada de magnificos frescos do Pintoricchio e a coleção d'antiphonario, são consideradas como as mais preciosas joias da arte toscana.

Felizmente, que todas estas maravilhas puderam ser salvas, sofrendo apenas uma parte da arquitectura.

A cathedral havia sido restaurada há pouco. Tem que se comecar de novo. E' apenas uma questão de dinheiro. Da beleza do monumento dá uma perfeita ideia a nossa excellente gravura.

PARIS.— OS NOVOS TRABALHOS DE VIACÃO

A capital francesa está agora sofrendo uma transformação completa, no que respeita à viação pública, não só em trabalhos de vicção propriamente ditos, mas também por causa das instalações definitivas de luz eléctrica que são todas subterrâneas, assim como as telefónicas e telegráficas.

Uma das curiosidades de Paris é não se ver, em toda a cidade, um único fio telegráfico. A municipalidade não consente que se coloquem fios aéreos. Por esse facto o telephono como o telegrapho são muito mais caros em Paris, do que em qualquer outra capital.

E quando é preciso fazer grandes instalações subterrâneas, o aspecto de certas ruas é como se vê na nossa gravura, sendo de noite o momento mais interessante para ver estes trabalhos, executados à luz eléctrica, e que são feitos com rapidez extraordinária, sem prejudicarem demasiadamente a circulação das ruas.

A nossa gravura representa uns trabalhos de vicção, em pleno faubourg Montmartre, a dois passos do boulevard, que mal se descobre ao fundo do desenho.

VICTORIEN SARDOU NO SEU GABINETE DE TRABALHO

Sardou tem sido ultimamente a personagem literária na ordem do dia, a propósito da sua nova peça *Cleóatra*, esplendidamente representada em Paris, na *Porte-Saint-Martin* pelo grande Sarah Bernhardt.

As suas peças são tão conhecidas em Portugal como em França, e a individualidade de Sardou tanto interessa e apimenta as plateás francesas, como as portuguesas.

São aos centos, os apaixonados de ardou em Portugal. E' a esses que a *Ilustração* oferece um Sardou íntimo, um Sardou sentado à bancada no seu sumptuoso gabinete de trabalho.

Sardou possui três casas: — uma em Paris, outra de campo em Marly, outra em Nice.

A nossa gravura representa-o no seu gabinete de Paris, na rua do General Foy, próximo do boulevard Malesherbes.

Em Paris só passa o tempo necessário para se ocupar dos ensaios das peças e dos seus trabalhos na Academia francesa. A maior parte do anno passa-o na sua bella propriedade de Marly, nas margens do Sena. E' ali que o autor dramático mais trabalha. Em Nice só passa os rigores do inverno, para tratar da sua saúde.

BELLAS ARTES. RETRATO DE REMBRANDT

Não é só o facto de ser uma reprodução do famoso retrato de Rembrandt, pintado pelo próprio, e que per-

tence ao museu de Dresden, o que constitue o encanto e o valor da pagina com que a *Ilustração* brinda hoje aos seus leitores.

Também o valor d'esta pagina excepcional está na gravura, que é uma maravilha, uma obra-prima em toda a aceção da palavra, e que valeu ao seu autor, o nosso colaborador M. Baudé, a medalha d'ouro na Exposição universal de Paris de 1889.

Não conhecemos gravador que, sobre a madeira, tenha atingido a mestria de M. Baudé. Prova-o mais uma vez a gravura de hoje, onde é conservado todo o brilho, todo o vigor, toda a vida que animam o retrato do famoso pintor flamengo.

Se a nossa *Ilustração* tem publicado gravuras dignas de serem encadilhadas, esta é com certeza uma d'ellas.

Estamos certos de que vai tornar muita salva.

E assim continuará a *Ilustração*, dando aos seus leitores tudo quanto a arte moderna produzir a reproduzir de mais bello e de mais nobre.

NOVIDADES PARISENSES.— O NOVO CASINO DE PARIS.

O novo Casino de Paris é mais uma encantadora casa de spectaculos, como há nas grandes capitais e especialmente na capital francesa, onde há de tudo — teatro, concerto, café-concerto, *promenoir*, circo, café, salas de tiro, &c. O novo Casino de Paris, instalado no antigo *Skating*, n'um vasto local com entrada pela rue Blanche e rue Clichy, é uma casa de spectaculos no genero das *Folies-Bergères*, mas reunindo tudo quanto a riqueza e a phantasia podem imaginar.

Custou a bagatela de 5 milhões de francos ou sejam 900 contos de reis em boa madeira portuguesa.

A nossa gravura representa o grande *hall* do Casino, que é ao mesmo tempo sala para gymnastas, concertos, fogos d'artificio, pela electricidade, *promenoir* e café.

D'este *hall* passa-se para o teatro, eleganissimo, tendo todos os aperfeiçoamentos das ultimas installações scénicas. Aqui há baldaços, café-concerto, etc.

O novo Casino foi inaugurado nos últimos dias de outubro findo. A accão do balado na noite da inauguração, passava-se na côte de Portugal (11) em pleno século xvi.

Escusado é dizer que se tratava de um Portugal de ópera-comica, com as margens do Tejo lembrando a vista que se descreve quando se passa pela ponte do caminho de ferro, para além da Barquinha, a caminho de Castelo de Vide.

O novo Casino é hoje o *re-déf vous* da moda. A nossa gravura dá uma perfeita idéa da sumptuosidade da instalação e ornamentação do *hall*.

Gravuras obtidas por meio do photophero

A grande distração da moda é sem dúvida a photographic. Em todas as estações balneares da França só se viam este anno os amadores, de objectivas em punho.

O successo photographic coube a um apparelo muscular, um verdadeiro *bijou*, pesando apenas 300 grammas e podendo-se dissimular nas mãos. Dá clichés relativamente grandes, como se vê pelas nossas reproduções, medindo 8 centímetros sobre 9. Ha igualmente



um segundo modelo medindo 9 sobre 12. Julgamos interessante falar aos nossos leitores n'este curioso apparelo em prata oxida, que tem por nome o *Photophero*, e sobre o qual nos tem sido pedidos muitos esclarecimentos.

Sabemos pela *Compagnie Française de Photographie*, 7, rue Solférino, Paris — que é a proprietaria dos bre-

ves, que mais de mil *photospheres* se venderam durante a estação calmosa. Devemos acrescentar que este apparelo não é um brinquedo, mas um instrumento de



precisão, seriamente estudado na Escola de guerra e adoptado por muitos officiaes do exercito.

O manejo do instrumento é dos mais simples. O objectivo está sempre ajustado; só ha que escolher o assunto e carregar n'uma mola. Está conciudida a operação. Os clichés são d'uma finura extraordinaria. O apparelo que não deu bom resultado, é logo trocado. Os preços dos dois modelos são de 113 e 150 francos, completos com tres chassis duplos.

Eis as indicações que podemos dar. De resto, podem pedir mais amplas à *Compagnie Française de Photographie*, 7, rue Solférino, Paris, que manda gratuitamente prospectos e provas photographicas.



A ARTE E A INDUSTRIA

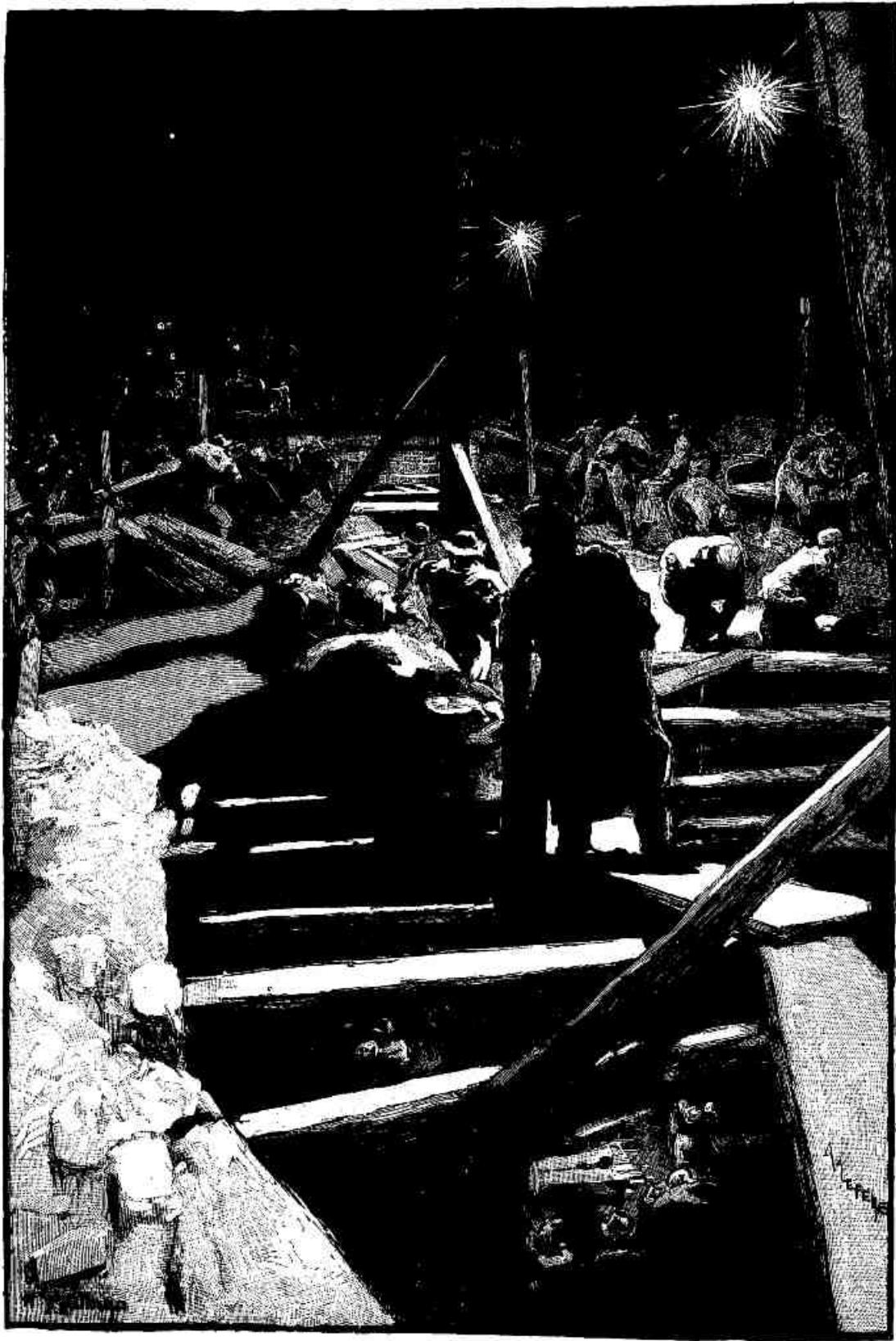
O EXAME dos productos da industria contemporânea revela, com uma desconsoladora evidencia, um ponto de vista exclusivamente prático, material, utilitário, na concepção da obra industrial.

Quando muito, ha, nos productos caros, uma sobreposição d'arte, — ao contrario do que se dava nas grandes épocas artísticas, — na Grécia ou no Renascimento, — em que a propria essencia de todo trabalho industrial centrava fundamentalmente, um alto e delicado espírito artístico.

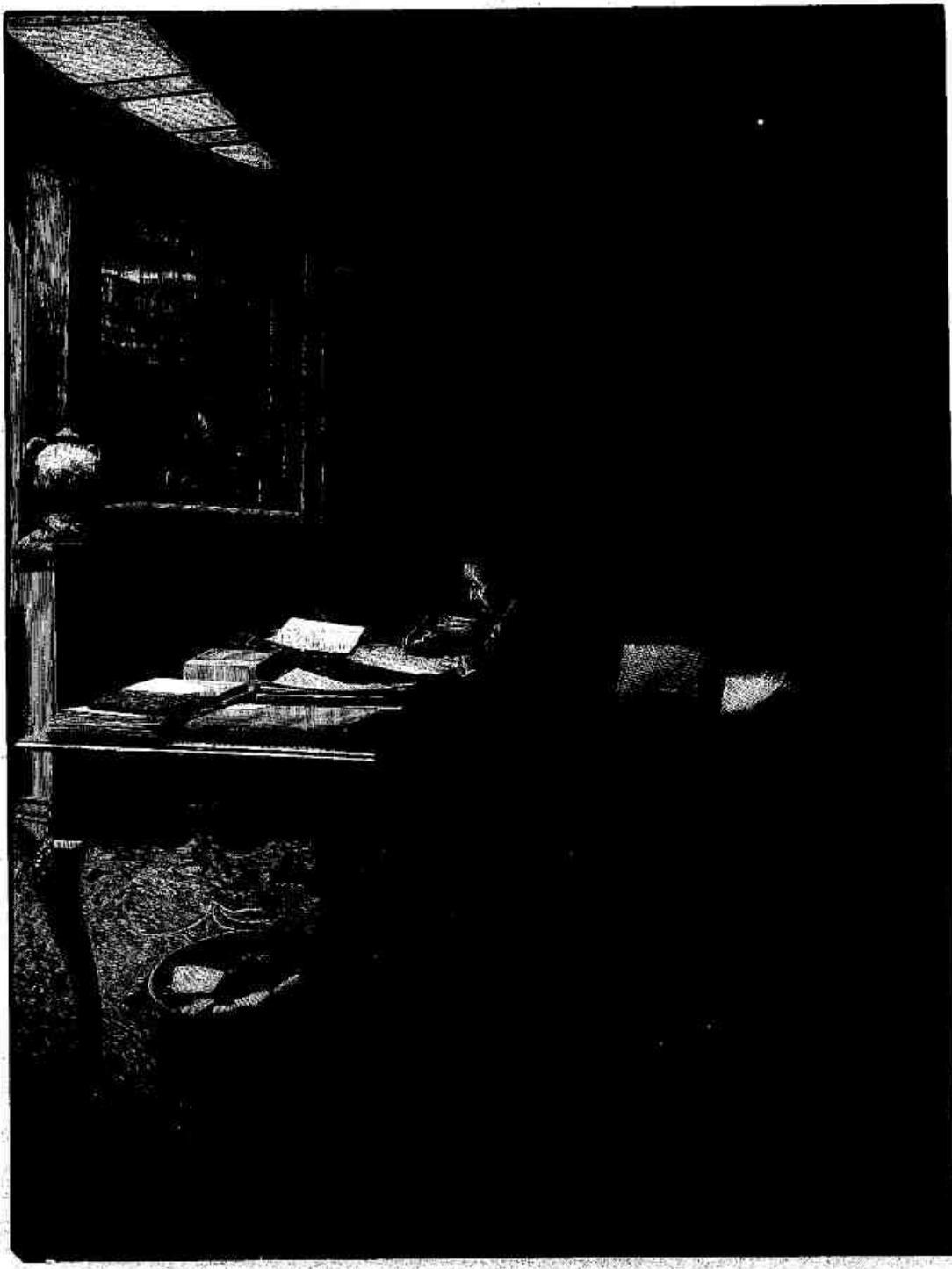
Tornou-se, portanto, accidental, o que era intimo e constante. Um vaso grégo, por exemplo, seria indiscutivelmente belo, pela pureza da sua forma, pela sua harmonia, e pelo seu carácter, embora fosse destituído de qualquer especie de ornamentação.

A industria moderna, exercida nas grandes officinas, onde a machine e o trabalho collectivo annulam o individuo como factor exclusivo, responsavel e consciente, — não tem de modo nenhum o carácter livre, pessoal, de verdadeira arte que elevava o trabalho na antiguidade, na edade-média e no Renascimento, e tornava um poderoso elemento educativo de quem o exercia, uma origem de mais delicada orientação para todo o ser de quem o praticava.

Na sua casa de trabalho, tormentado só por uma fina exigência de perfeição, o operario-artista d'esses luminosos séculos trabalhava amorosamente, com a salvadora despreocupação de tempo e de custo d'um verdadeiro artista, o producto que devia em muitos casos, assignar, e quasi sempre entregar a



PARIS PITTORESCO. — Os novos trabalhos de yugo.



CELEBRADESES PARISIENSES. — VICTORIEN SARDOU NO SEU GARNETR DE TRABALHO.

um determinado comprador, que lh'o encommendara.

Hoje trabalhando para o consumidor anonymous que se chama — o público, procurando a todo o transe vencer a aspera batalha da concorrência, industrial, — apagada a sua personalidade em face da inconsciencia da machine, e da divisão do trabalho por uma extensa hierarquia de operários. — está sem dúvida, notavelmente distanciado do artista, com quem o seu antecessor se confundia quase.

No producto contemporaneo pode estar a força muscular, a aptidão especialista, a capacidade administrativa, o capital, vitória da mecanica. Não está, porém, em rega, a palpitacão d'uma sensibilidade, a emoção comunicativa e sincera d'um artista, — no mais vasto significado d'esta palavra. A marca da fabraca substituiu a assinatura do auetor; um registo oficial, e não a propria essencia do artista, honradamente, convictamente realizada na sua obra, torna o producto inconfundivel, garante a sua legitimidade.

Poder-se-ha, contudo, no regimen de agora, apesar da machine e do trabalho collectivo, impersonal, rasgar à industria, — não a desnaturalando, — um campo mais largo, uma esfera d'acção mais, ampla, uma influencia mais profunda e salutar, do que a estrita satisfação das exigencias materiais, a que o trabalho industrial tem particularmente de responder? Creio que sim.

E como prova, em lugar de uma serie de raciocínios, um só exemplo, — e de casa.

* * *

A olaria, tão caracteristica, das Caldas da Rainha, declinou notavelmente nos ultimos annos. Apenas o brilho do vidrado, se pode ria n'ella admirar.

Os processos technicos haviam-se tornado imperfeitos: — desaparecera o rigor geometrico, a ponto de não ser facil encontrar um prato rigorosamente circular ou uma vasilha cujo eixo não fosse mais ou menos obliquo; o desenho era, quasi sempre, d'uma ingenuidade que fazia sorrir, e a cor denunciava, em regra, como a forma, um amavel intento de naturalismo, em briga desegual com o poder de execução.

Aqui tenho eu um pequeno prato verde, dentado, cheio de nozes que, pela cor, mais parecem nesperas, e que seem, na sua disposição, verdadeiros prodigios de equilibrio.

Um dia, Raphael Bordallo decidiu-se a aproveitar os excellentes barros de Leiria; a notável aptidão, que, através da mais completa ausencia de ensino professional, era evidente no oleiro caldense; o gênero ceramico desde muito implantado nas Caldas, e modificado pelas condições especiais do lugar; e ainda os preciosos recursos decorativos que a natureza e a vida nacional e a tradição artistica do paiz, — tão evidente nas *pequenas industrias* e nas *industrias caseras*, — efectivamente encerram.

Foi, não direi uma transformação, — o que seria inexato, — mas um progresso brilhantissimo, e profundamente consolador.

Tudo, na velha olaria das Caldas, se tornou correcto, gracioso, decorativo, não perdendo, contudo, o seu character, a sua physionomia, e adquirindo, pelo contrario, um cunho nacional mais vigorosamente accentuado.

As formas das vasellas multiplicam-se, enriquecendo-se com alguns tipos de notavel pureza, pela contribuição das diversas províncias; os motivos ornamentais tornam-se variadissimos pela observação amorosa e commovida da natureza; pelo exame de quanto ha pittoresco, decorativo, na flora, na fauna, nos utensílios domesticos e agricolas das diversas regiões do paiz; pelo conhecimento, enfim,

de todos os recursos ornamentaes, que a vida portuguesa, na sua manifestação mais espontânea, mais genuina, pode oferecer.

E logo nos aparecem, tentadoras, as formosas talhas onde brillam as folhas coriaceas das magnolias, ou girasoles pôem ridentemente a sua nota alegre, de bonhomia, trazendo ao pensamento um canteiro de jardim, a antiga, com os seus buxos tosquiados em figuras geometricas, e as notas sanguinolentas dos craveiros.

Surgem, capotantes, as mais lindas vasellas, de origem grega, etrusca ou moirisca, valiosas como documentos ethnographicos, apreciaveis como provas de que nada ha absolutamente, essencialmente novo.

Encantam-nos os pratos decorativos no gênero de Palissy, com uma prodigiosa variedade de ornamentações, e com toda a minudente e delicada execução naturalistica das *rustiques figurines* do grande artista da Renascença.

A comparação é na verdade frisante, luminosa, concluente.

Quando extinto o impulso artístico primitivo, a olaria das Caldas ia degenerando, — revive, brillantemente, pela dupla influencia redemptora da arte e da tradição.

Tem decerto muito de pessoal, e portanto de intransmissivel, de *ephemero*, — importa confessar, — a obra de Raphael Bordallo, no tocante à olaria das Caldas. Ha peças que denunciam logo, pela fina e mordente intenção critica, o poderoso caricaturista do *António Maria*. Dynastias de artistas, como as constituiram os architectos medievais, não são para o nosso tempo, dispersivo, individualista.

Creio, todavia, que não sera inteiramente perdido para o futuro o vigoroso esforço de Bordallo Pinheiro, e acredo, pelo contrario, que não constituirá um parenthesis tão curto como a existencia do artista, a renovação que, pelas suas excepcionais qualidades de decorador, Raphael conseguiu produzir na decadente olaria das Caldas. O que é indispensavel no operario, para não ser insensivel a essa alta e repercutiva influencia artística, é a preparação dada pelo estudo do desenho elemtar, nas suas applicações à industria.

* * *

Não é, portanto, um facto privativo do passado, que devamos recordar com intima saudade, — como se fôra irrealisavel, hoje, — a intima aliança do trabalho industrial e do espirito artístico, — tão propria, realmente, para manter viva na abatida alma contemporanea, (que vai atravessando uma crise tão singularmente dolorosa e tragic) uma delicada impressionabilidade as desinteressadas emoções da Arte, e aquele benefico desejo de perfeição que algumas philosophias tiveram, outrora, como a puniente reminiscencia inefável d'um habitat mais perfeito.

Por outra parte, quanto a existencia nacional está, como agora, ameaçada, importa, mais do que nunca, reatar a nossa esquecida tradição artística, ha tanto quebrada, e, contudo, tão gloriosamente assignalada, tão consolidadamente evidente, no seculo auren em que, pelos feitos admiraveis e decisivos do nosso aventuroso espirito navegador, determinamos o character e a direcção da civilisação moderna, e, concorrentemente, soubermos fundir, num tipo caracteristico, as influencias extranhas da pintura, da archiectura e da ourivesaria.

Tres ou quatro industrias, tão delicadamente espiritualizadas pela arte, e, ao mesmo tempo, tão entercedoramente embebidas da nossa tradição, do espirito nacional, como a louça de Bordallo Pinheiro, — e esta desventurada patria amada havia de triumphar de todas as machinacões politicas destrutivas da

sua autonomia e da sua integridade, havia de levantar-se incombativelmente forte, essencialmente livre, definitivamente victoriosa.

A mais levantada e redemptora das politicas seria decreto aquella que se dirigisse à reconstituição do ensino publico, e, especialmente, à educação das facultades estheticas, de modo que a obra d'arte conseguisse despertar em muitos espíritos um reconhecido enternecimento, uma calorosa sympathy, um auxilio devotado.

Só a cultura intellectual pode equilibrar uma nação no meio das vicissitudes da politica; só a superioridade das ideias pode assegurar-lhe a autonomia; e só a Arte consegue eternizar civilizações e homens.

Outubro de 1890.

José PESSANHA.

A PASTA DENTIFRICIA DE BOTOT

VENDIDA EM TODAS AS PRIMERAS CASAS
E NO SEU DEPOSITO GERAL DO L.

UNICA VERDADERA AGUA DE BOTOT

PARIS — 17, Rue de la Paix, 17 — PARIS



A DÔR

A ARTHUR DE AZEVEDO

A dor... a grande dor sem fim de amar...
Luiz Deffemo.

Esta eviteria dor que me acomete
E me transfixa o dolorido peito,
Como agudo e finissimo estilete.

Iá não me torna o rosto contrafeito,
Não me carrega e fecha o sobrecento,
Nem me põe ferro e proceloso o aspetto.

Conto-a ha muito entre os habitos que tenho,
Pois nenhum bem contra ella me socorre,
E para a destruir falta-me o engenho.

Cresce dentro de mim, augmenta e morre
Para tornar a renascer! Parece
A noite, que, ao findar o dia, corre

O véo largo, que os mundos escurce,
No firmamento, e, mal reponta a aurora,
Vae-se, fugindo ao sol que resplandece!

A minha voz em queixas não deplora
Já hoje, enfim, a dor, a dor que é fonte
Do mal passado e d'este mal de agora!

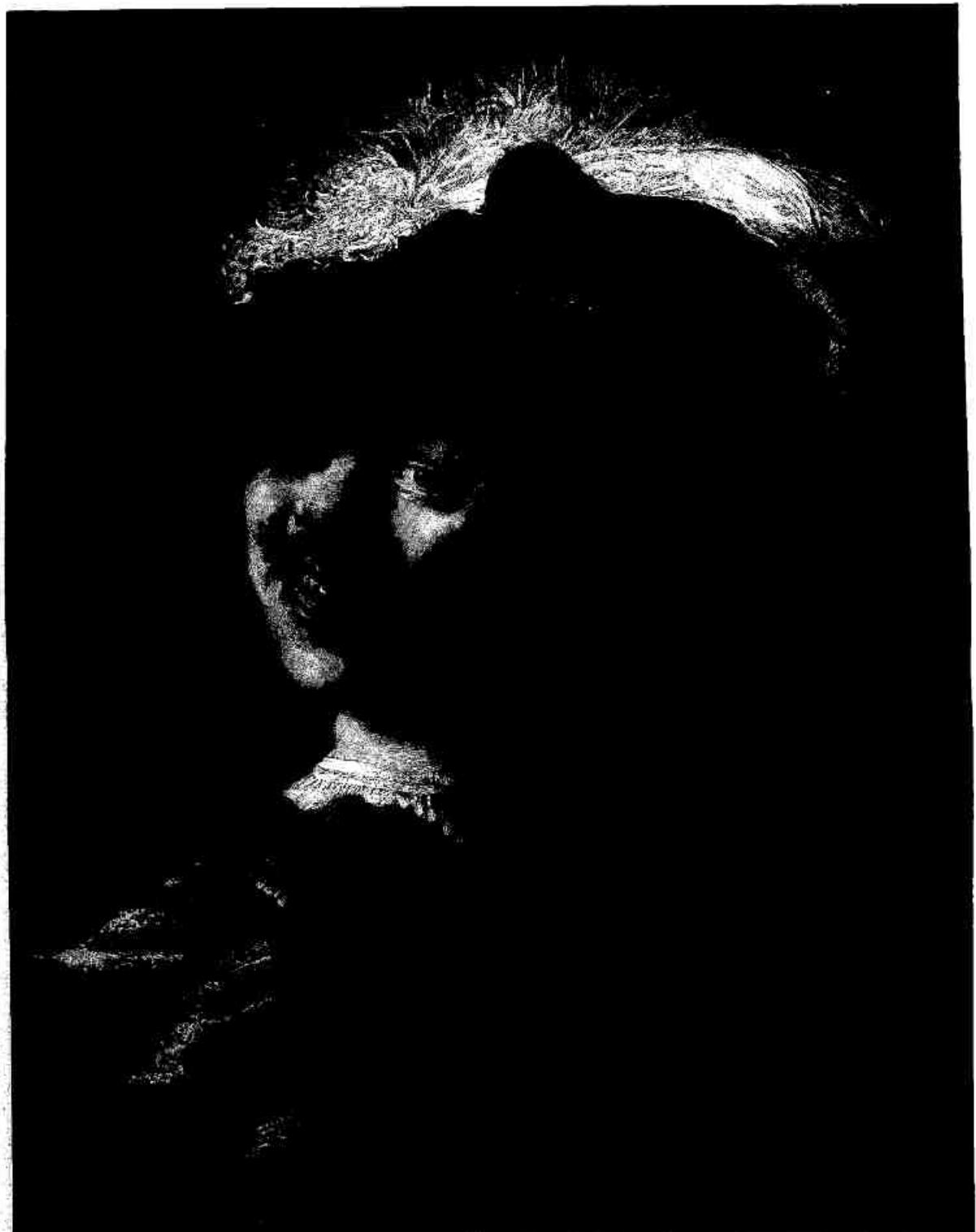
Toda em mim se concentra! No horizonte
Se, ás vezes, cravo o olhar embaciado,
Ella arrebenta em lagrimas esponte.

E' que me surge o limpido passado,
De verdes palmas, de festões de flores
E pedrarias fulgidas ornado.

Bandos de cherubins encantadores,
Alados e em phalanges revoando,
A virgem dos meus candidos amores

Vão a loira cabeca coroando
De virginas grinaldas preciosas,
E celestes canções psalmodiando.

A profusão dos lírios e das rosas
Desprende e evola o doce thymiana,
Aromando as paragens luminosas!



RETRATO DE REMBRANDT PINTADO PELO PROPRIO.

Quadro do museu de Dresden. — Gravura de Ch. Baude.

O firmamento em púrpuras se inflamma
Ao redor d'este quadro estranho e lindo,
Que só eu vejo, e sobre mim derrama,

Não o contentamento grande e infuso
Que sempre vem da luz, mas a tristeza,
A que ora vou correndo, ora fugindo!

Infortunio da nossa natureza!
Desejamos um bem que nos arrasta
E é motivo de males com certeza,

E quando o possuirmos, a nefasta
Condição da nossa alma o esfugia,
Desejando outro bem, bem de outra casta!

Assim, descravo a vista lenta, lenta,
Volvendo-a à sombra do presente escuro,
Mergulhando-a na treva lutulenta.

Depois nem fito os olhos no futuro:
Tolhe-me o medo de que acaso aviste
Do meu ideal o templo mal seguro.

Punge-me a dó de novo, e triste, e triste;
Ja não sei o que eu quero, e o que eu almejo,
Se o que eu almejo e quero — não existe!

Perto ou longe de mim mais nada vejo;
Esvaiu-se de todo a longa fila
Das antigas visões do meu desejo!

Só me ocupa esta dó, que me aniquila
E mata, como se um veneno fôsse;
Que me enlacrime a lúcida pupilla

E me consola ao mesmo tempo! Doce
E amarga! Mel e sal! Escuridade
E luz! — E tal a dó que assim me trouxe

Esta tristeza negra, esta anciadade,
Que ora me dá sorrisos de sarcasmo
E ora prantos e magmas de saudade.

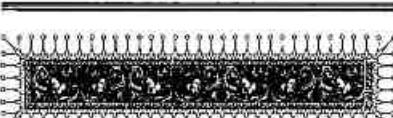
O desânimo seja, o entusiasmo
Seja, seja a loucura enfebreida,
Ou seja a lucidez, ou seja o pasmo;

Tudo vem d'esta dó, em mim nascida
De uma recordação, — que é minha sorte,
Porque esta dó é toda a minha vida!

Porque esta dó é toda a minha morte!

FILHO D'ALMEIDA.

TSARINE PO DE ARROZ RUSSO
Adereçado, dissimilado, levadado
PREPARADA POR YOLLET
20, Boule des Italiens, PARIS



JOÃOZINHO

E PEQUENO, magro, e o seu corpo de
criança enfezada e doentia perde-se quasi
nas dobras do fato.

Joãozinho é corcunda; esmaga-o uma enorme
gibosidade, curvando-lhe cruelmente a
espinha.

O seu rosto pallido, illuminado por dois
olhos azuis, tristes e meigos, tem a forma
alongada peculiar ás phisyonomias dos enfermos; quando caminha, vae cosido com as
paredes, e no seu olhar ha uma expressão
assustadiça que ainda mais lhe accentua a
pequenez e a deformidade.

E, no entanto, Joãozinho não é grotesco: sob aquelle exterior desengraçado adivinha-se um ente affectuoso e bom, a quem a zombaria e a compaixão teem feito concentrar consigo mesmo, mas cujo maior desejo é encontrar alguém a quem se dedique.

E' um d'esses desherdados da natureza, perante os quais nos sentimos cheios de ternura, e a quem queríamos amar para lhes fazer esquecer um pouco a amargura da sua situaçāo.

Joãozinho tem sofrido muito com essa curiosidade e como que desdenhosa compaixão de que o tecni rodeado sempre, e muitas vezes é acometido de subitas tristezas ao contemplar a felicidade dos outros.

Por mais de uma vez lhe tem pesado o seu papel passivo, e por mais de uma vez também tem erguido a rachitica estatura como para se desembalar d'essa corcova que o aponta ao riso. Ergue entio a cabeça num ar de desafio, e pergunta a si proprio por que não haverá compensação ás suas misérias; por que será que os outros caminham de fronte levantada e olhar scintillante e alegre, e elle vae cosido com as paredes e de olhos no chão.

Essa exaltação momentanea cessava por si mesma, e à noite, voltando a casa, abraçava-se, chorando á mãe, que pensava inquieta em que maldafe poderiam ter feito ao seu Joãozinho

E eis que, de repente, um raio de sol foi reanimar aquella existencia de creança.

João já não tem esses ares desolados que lhe emmagreciam o rosto inteligente, e claraões d'allegria indizivel substituem nos seus olhos a expressão de susto com que elle fitava os traçantes.

E' que também elle é feliz.

Perto da casa onde mora, fôram instalar-se duas pessoas — mãe e filha. A mãe trabalha em costura e a filha confectiona flores artificiais. E' alva e gentil a floristazinha; tem grandes olhos negros, cabellos louros frisados na testa e um sorriso travesso, que lhe faz umas adoraveis covinhas nas faces.

Tornaram-se logo amigas as duas creanças.

Dotada d'essa sensibilidade que todas as mulheres possuem, qualquer que seja a sua edade, Renata comprehendeu que havia uma boa accião a fazer, e com requintada delicadeza dedicou-se a consolar aquelle coração que sofria, a fazer esquecer a Joãozinho os seus pesares e a sua enfermidade.

Elle, que nunca lhe acariciado senão por sua mãe, abandona-se áquella ternura suavemente embriagante e que até alli desconhecia. E todas as noites, a luz discreta do candiêiro, ha palestras encantadoras e tagarelices intermináveis, enquanto Renata vae rápida e habilmente fabricando as flores que se lhe assentam pela frescura que apparentam.

As rosas, os cravos, as papoilas que se acumulam aos milhos sobre a mesa casam com os seus matizes n'uma alegria primaveril; e esta florescência facticia nascida dos dedos de Renata parece a Joãozinho mil vezes preferivel á que se expande em pleno sol.

Aquelle infeliz, por tanto tempo sequioso das alegrias do mundo achou n'este amor inesperado uma d'essas compensações que embriagam e fazem esquecer todos os sofrimentos.

Que lhe importa agora a indiferença dos maus? Lá está o sorriso de Renata para o reconfortar e consolar.

E Joãozinho foi-se d'ixando embriagar cada vez mais, por aquella grande alegria de ser amado. A felicidade fel o passar por uma especie de transformação, e ninguém certamente lasstava agora aquelle corcundinha que segue

liso alegremente o seu caminho, e parece engrandecido pelo amor.

Joãozinho ia morrendo.

Uma noite, Renata, mais alegre ainda que de costume, disse-lhe, estendendo-lhe a mão.

— Tenho uma boa notícia a dar-te, Joãozinho; caso d'aquí a tres semanas.

E como elle se ficasse, estupido, aniquilado, parecendo não comprehendêr, a rapariguinha, absorvida no seu jubilo e esquecendo o seu papel de anjo consolador, continuou levemente:

— Nunca te tinha falado n'isto, porque ainda não era coisa decidida; mas agora está combinado. O meu noivo conseguiu vencer a oposição da familia d'elle, que me achava muito pobre e chega amanhã. Casar-nos-hemos assim que os papeis estiverem promptos.

E continuou a papaguar, muito contente por poder contar a sua felicidade a alguém; mas, de subito, calou-se.

João empalideceu horrivelmente e balbuciava a custa, em voz estrangulada:

— Ah! Casas-te!...

Ella comprehendeu então quanto o infeliz a amava e começou tambem a balbuciar, sem saber o que dissesse.

Depois, João concentrou todas as suas forças para murmurar em voz quasi imperceptivel:

— E' verdade, tu não podias querer-me.

E vendo-o sofrer, com os olhos rasos de lagrimas, Renata tomou-lhe a cabeça entre as mãos e disse-lhe:

— Sou e serei sempre tua amiga, Joãozinho, mas tu bem comprehendes que nós não podíamos casar um com o outro; seria impossivel.

— Porque? — perguntou elle, sempre dominado pela sua idéa fixa.

— Em primeiro lugar, porque eu já estava pedida; e depois... porque tu serias muito pequeno para mim, ou antes, — acrescentou ella vivamente procurando sorrir — eu seria muito alta para ti.

E, durante tres semanas, João, fulminado pela febre cerebral, tem-se debatido em pesadelos horribles.

O marmore do fogão está cheio de frascos de todos os tamanhos e feitios que espalham pelo aposento um acre odor a pharmacião.

Desde o começo da doença a pobre mãe ainda não descançou e os seus olhos seccaram de tanto que chorou durante as longas vigílias, ao pé do leito do seu Joãozinho.

E' que esteve realmente em perigo o pobrezinho, e o doutor, que lhe fazia duas visitas diárias, muitas vezes abanou a cabeça ao retirar-se.

Mas foi-se o perigo; João está salvo. Esta manhã abriu os olhos mortícos e ficou-se inerte, feliz de se sentir renascer.

Pela janela aberta entraram aromas deliciosos de flores e de verdura; nas arvores carregadas de folhas, a passarada pipilante parece cantar a volta da primavera.

Depois um repique de sinos atrâa alegremente os tres e João, applicando o ouvido, recorda-se vagamente procura reconstituir a scena cruel que o arremessou ao leito.

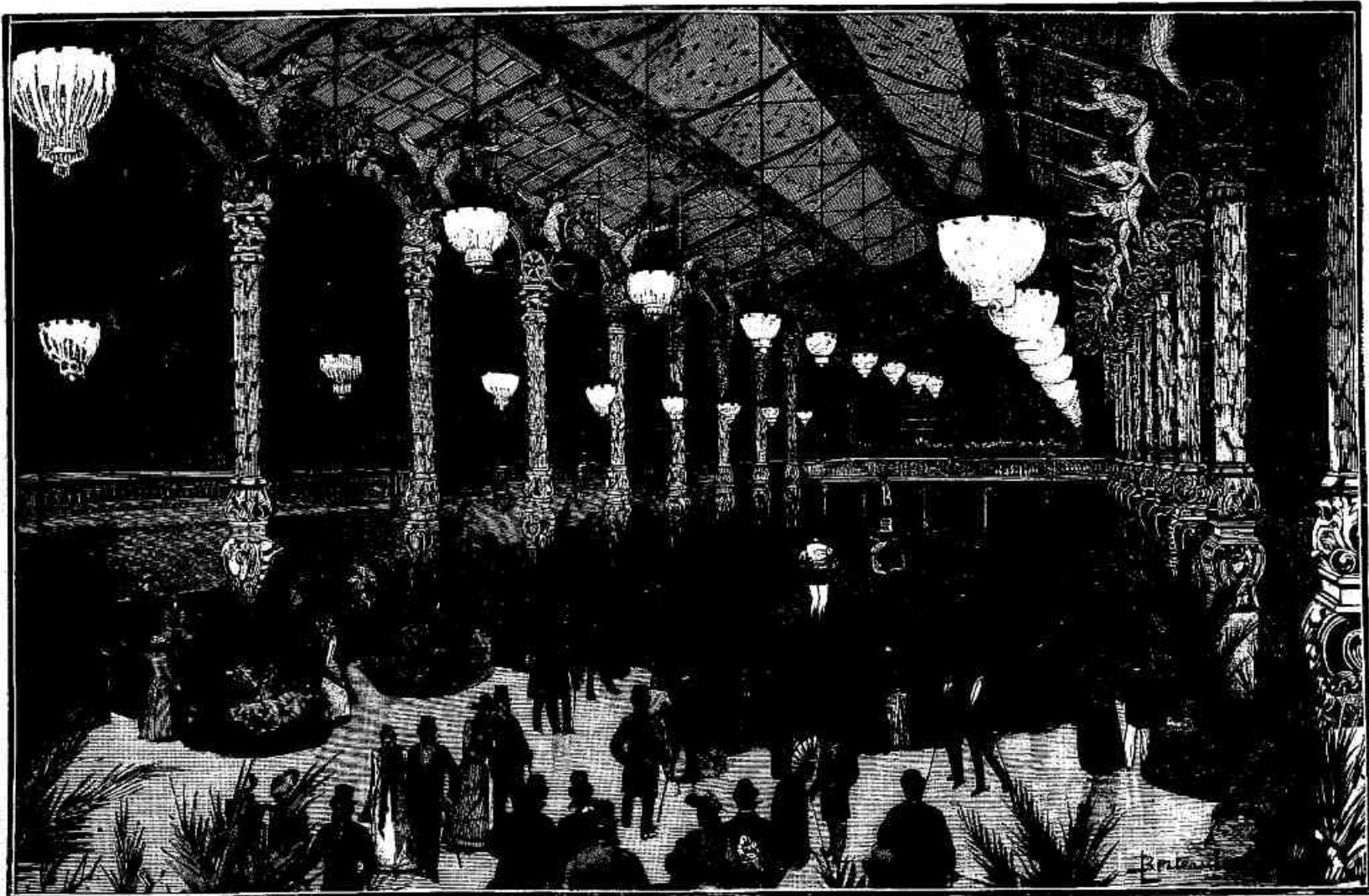
E, n'uma voz débil como um sopro, pergunta:

— Minha mãe, ha quanto tempo estou eu doente?

— Ha tres semanas, filho...

— Tres semanas... E' isso.

Ao lembrar-se das suas illusões bruscamente deruidas como um castello de cartas, acode-lhe um soluço á garganta, cinge-se contra



NOVIDADES PARISIENSES. — O NOVO CASINO DE PARIS.



toilettes. Quanto ao chapéu, guarda-se o chapéu alto, de seda; o chapéu baixo, molle ou duro, só se usa no campo.

Ainda há muito pouco tempo, as senhoras não caçavam: o numero das Dianas era muito restrito. Seria por sensibilidade, ou simplesmente porque não era moda? Não sei. O que é certo, é que hoje em dia todas as senhoras caçam.

As senhoras que vão à caça podem dividir-se em duas categorias. Temos em primeiro lugar aquelas para quem este passatempo é apenas um pretexto para passeio e distração. Para estas, o que deve guiar-as na escolha d'um costume, é o gênero da sua beleza. Encontrarão graciosas fantasias nas creações do teatro, nas fantasias de caça que inventam as actrizes de Paris. Pouco práticas, mas encantadoras;

As de segunda categoria, as verdadeiras, as sérias, as que caçam por caçar, tem outras preocupações com as suas toilette. Não a coquetterie, mas a comodidade, eis o que procuram sempre na escolha d'um costume de caça. Assim, por exemplo, usam sem hesitar a calça de zuavo, a única absolutamente prática, e a pequena blusa de zuavo com pregas.

As saias, para as senhoras que não



A MODA PARISIENSE

Na minha última crônica, a propósito do tennis, fallava-lhes do interesse que estão tendo no mundo feminino os exercícios do corpo.

No nossa época, entre estes, a equitação faz parte da mais cuidada educação.

Uma dama elegante, cansada do chapéu alto, como complemento obrigatório da toilette para caçaria, teve a ideia de adoptar o grande chapéu desabado, à Rubens, adornado de longas plumas frisadas caindo para o pescoço. Era encantador, mas impossível de se usar. Em primeiro lugar, este adorno tornava ridículo o fato amazona simples e liso, tal como o usamos hoje. Este chapéu empilhado, não podia harmonizar-se senão com os ricos costumes do século XVI ou XVII, tecidos de velludo ou de brocado, garnecidos de ouro e de rendas, com um grande collarinho Anna d'Austria, ou com uma gargantilha Henrique II. Mas o nosso seculo tão pratico, não comporta estas sumptuosidades d'outras eras.

Poiores fatos entrevistados n'um sonho, voltac para o esquecimento! Conservemos, até nova ordem, as amazonas tecidas quais são actualmente, isto é, simples, lisas e curtas, com um corpo generoso d'alfinete, ou, durante os dias de inverno, com o casaco de loura ou o dolman d'artilheiro, e que uma leveira modificação adapta tão facilmente às nossas



podem conformar-se com o costume masculino, são curtas e caem direitas.

A blusa, muito comprida, ampla com pregas, dissimula igualmente as formas. Para a cabeça, usase o chapéu tyrolez de feltro, ou o chapéu molle de velludo.

Já apareceram algumas novidades, e as parisienses começam a impôr as grandes modas para o inverno de 90-91. Vamos dar algumas indicações.

A jaquette faz-se muito comprida e as abas puchadas para a frente, com muitos bordados e soutaches.

Pelica de pelerine, collarinho Medicis, e para-mentos de astrakan.

Redingote de seda, abas puchadas, golla e para-mentos de peles. Pelica de velludo azul garnecida de passamanaria e marta zibelina; este costume é elegantíssimo.

Os tocidos na moda são, além do panno, que faz furor e que se há de trazer por toda a parte, na rua e até no baile: o velludo pekim, e as lâas rugosas para saias de pouca toilette.

A moda continua a ser simples nas suas formas, mas muito complicada nas garnições e enfeites.

Uma nova pele aparece no horizonte: o castor branco.

E por hoje mais nenhuma explicação. Esperemos pelo fim de novembro e primeira quinzena de dezembro, para ver com que nos deslumbram as parisienses.

MARIA DE CAMOS.

a mãe, como se quizesse refugiar-se n'aquela ternura a toda a prova, e murmurou:

— Ha de amar-me sempre muito, sim, minha mãe?

E enquanto a pobre mulher chorava, cobrindo de beijos, elle continuou, também lavado em pranto:

— E nunca me acharei muito pequeno pois não?

Ao longe, os sinos continham repicando num ampla expansão de alegria e d'esperança; e aquelle repique parecia ao Jonzimil um dobrão de finados no funeral do seu bello sonho, que se extinguiu para sempre.

FELIX GABORIT.



PAIZAGEM NOCTURNA

Tinha cabido a noite em volta da abbadia, Negra, silenciosa e cheia de tristeza. Calaram-se de ha muito o melro e a cotorria; Começava a cantar o mocho na deveza.

Abriam-se na sombra os calices das flores, Urmas a trasbordar de essencias perfumadas, E a aragem, ao passar, enchia de rumores Os largos milhares murmuros de levadas.

Chegava-nos de longe o aroma dos pinhaes Junto com o soloco abafado das aguas, Que vinham marulhando entre os canaviaes Como o longo desfilar de um rosario de maguas.

Ouviam-se gemer brandamente as guitarras Em longas vibrações cheias de doce encanto; E no meio da noite os raios e as cigarras Lançar ao desafio o seu eterno canto.

Então surgiu a lua no fundo do horizonte, Derramando em silencio as ondas do luar Sobem as flores do campo e os abetos do monte, Como um vasto lençol de luz crepuscular;

Mas não era o luar nevado e scintilante. Que envia a lua cheia à terra adormecida, Branco alumínio fluido, ou pó de diamante, Eburneo e casto véo de opala diluída.

Era um pobre luar, tristonho e desmaiado, Cheio de paixão, sem brilho, macilento... E a lua parecia um topazio engastado No azul de uma saphira — o azul do firmamento.

AMADEU PINTO.



NOTAS A LAPIS

— SSSSS —

PASCAL é um Hamlet atormentado e sombrio, tendo por Ophelia a Verdade, perturbadora noiva enigmática, a quem elle, faminto de beijos e tremulo de escrúpulos,

los balbuciaava hesitando: — «Faze-te monja, faze-te monja!...»

Um dia esse grande mergulhador do infinito accendeu a sua lanterna, tomou-a na mão, e, ereto e pallido, a fronte audaz e o olhar ruminante, bateu no Abysmo.

Mais rapido que um raio, desceu, desceu, desceu vergonhosamente, — epico e soberbo! turbilhões monstruosos e convulsos de espíraulas ululantes. Sem medo e sem pavor, o olhar ativo e a lanterna na mão, através de phosphorescências de meteoros, de brazeiros de soes e de estampidos de globos, elle descia triunfal, dessa orgulhoso, descia heroico, como um anjo rebelde. As caudas chamejantes dos cometas crestavam-lhe de quando em quando os cabellos esparsos, ou uma lufada tragica de ciclone sacudiu-lhe de chofe a lanterna oscilante. Embora! Bello como Prometheus, marmoreo como D. João, elle ia descendendo, descendendo, e aos arcaes resplandecentes de mundos portentosos e feéricos, cór de rubis, de topacios, de esmeraldas, de safiras, de perolas ou de carbunculos, succediam-se, já vastidoss de treva e de silêncio como que steppes de Monte, charnecas de Eternidade, baldios de Infinito, já imensos espagos immovéis e lunares, banhados de uma doce claridade leitosa, esvaziada e fixa, sideral e dormente. De quando em quando, n'um mar morto de sombra encontrava archipelagos de nebulosas, cardumes aglomerados de embryões de planetas, de ovulos de soes, de milhares de mundos.

Já a lanterna lhe bamboleava no braço e já um suor frio, um suor de angustia, lhe escoria de fronte. Mas no entanto, perplexo e livido, continuava descendo. E quanto mais descia, mais o abysmo augmentava. A pyrotecnica deslumbradora das estrelas cegava o quasi, os ouvidos zumbiam lhe oppresso e desequilibrado. Anciado e tremulo queria retroceder, volver atraz, sahir d'aquelle poco caliginoso e ruindante, que não tinha temio, que não tinha fundo. Mas os olhos cerravam-se lhe vidrados, e do braço inerte pendia-lhe a lanterna, bruxuleante e purpura, como uma lagrima sangrenta. E, automato sinistro, aguia moribunda, descia sempre, descia sempre, em circulos estonteadores e subterraneos.

Sabido uma ventania de morte, como uma aza enorme de morcego, entregelada e negra, apagou lhe a lanterna. Solhou um grito, cerrou os olhos, e inconsciente e examine, branco como um sudario, continuou a cair, a cair no abysmo eterno.

A borda do abysmo apareceu então uma velha giganta, magra e cadavérica, misto de Macbeth e de feiticeira, os cabulos brancos, ratos e cuntos, coroados de helleboro, o gesto torcionario, e olhar vagabundo, e um rictus infame, de carnaval demoniaco, na bocca quasi apodrecida de caveira. Debraçou-se, mergulhou no abysmo o braço interminavel e descarnado, e com a mão ganchosa, de harpia e de esqueleto, agarrou pelos cabellos o corpo exaegue do metaphysico, puxou-o acima, e depois de o fitar um instante, sempre com o mesmo rictus macabro, atirou com elle indiferentemente para a banda, como um polichinello que se partiu, um triste manequim que se desanticolou. E depois foi se embora às gargalhadas, a rir muito, a rir, a rir, a rir... Chamava-se a Loucura, esse demônio d'essa velha.

Foi então que alli chegou Voltaire. Pôz-se a olhar tranquillamente para o abysmo, com uma curiosidade aguda e perspicaz.

Tiroi-lhe uma pedra. Ficou a escuta meia hora, e, não a sentindo cair, observou:

— É muito fundo!

Menou-lhe a mão. Tirou-a gelada, ponderando:

— É muito frio!

Em seguida, de lunastano olho, deu um passeio de quasi um século à roda do abysmo infinito, assobiando sempre.

De quando em quando, para se distrahir, suspirava-lhe dentro!

GUILHERME JUNQUEIRO.



THEATROS

A SEGUIR à queda da Lecta pela vida, a empresa do teatro de D. Maria levou à cena uma peça alema, de Blumenthal. Os Penedos do Inferno se chama essa comédia que os sr. Moura Cabral e Freitas Braga verteram da tradução italiana para a nossa língua.

Foi a 26 que subiu à cena esta comédia. Exactamente quando mais accessiu à guerra entre os que pleiteiam fôros de artistas no teatro, e os que, pela engordura muscular e pelos exercícios de destreza, artistas se consideram nos círculos onde fazem carreira financeira.

Caiu redondamente.

Não parecia a alguém que a quem escreve estas linhas haja sido de agrado o véspera plateia dos teatros tres ou qua no doente do fígado, e um ou dois vencidos da vida. Tal não sucedeu, nem, com a ajuda do Deus Poderoso, virá a suceder. Simplemente, correndo os teatros das illustres cidades de Ulysses e de Grant (em cenas), semelhante impressão unica e fol que as empresas dos Coliseus salham do seu officio. Deante d'esta conclusão, a que não ha fazer sofisticas contraprovas, desvanecem-se em meu espírito qualquer sombra de duvida ou apprehensão sobre a causa da desbandada dos frequentadores de D. Maria, Trindade, Gymnasio e Rua dos Condes.

Ha um publico para cada um d'estes teatros, ou pelo menos uma regular maioria dos seus respectivos frequentadores é certa; mas não tanto que no terceito tentante notáveis nos Coliseus, vai ouvir o Comissário de Policia, que pela centésima vez o matando de graca, e aquella distinta madame Cintra mas suas proustianas canconetas, em verdade engracadas, mas que já cançam.

E tanto assiste, se que digo, algo de razão e de aviso de conselho, que não nos consta que no teatro do Príncipe Real haja caindo o ralo, que, nos seus semelhantes no cultivo da arte dramática, quasi de morte feira. E que o público d'aqueila cosa temido o que a sua compleição põe: o bello Jorge o Vagabundo, e a grande e tempestosa declamação do sr. Alvado. Em quanto assim não pensarem os deuses empresários; enquanto accusarem o público por abandonar e não enviarem maiores esforços para o chamar aos seus teatros; enquanto apresentarem o scenario de ha vinte annos em peças remocadas e retocadas pelas primeiras pintas-montas à mão; enquanto assim prosseguem dando gato por lebre; terão que lamentar a má época, que esta é, para os seus interesses, mas a sós, pensando na arte em que trabalham, e no gasto que pretendem educar, há de convir commigo que o lisboeta, embora facil de contentar, tem jas a um teatro mais teatral e menos loja de liquidações.

Depois, um pouco aveludados estão os galans que por ahi pululam, e as penas quebradas, do horror dos jangos, as ingenuas e lyricas damas dos nossos palcos. Isso tudo é rude, e dicto sem agrado para suas senhorias de um e outro sexo, mas convém que se afacem a esta maneira de falar, que se origina da mesma causa que os traz tão desprotégidos na venda dos seus bichos.

O que vai escrito, bom'vo contrario de se inspirar em sentimento de malevolencia, nasce de um grande amor ao teatro português, poesie de artistas, falho de auctores e pouco favorecido pelos governos. Mas esse

mesmo amor ao teatro não chega a ponto de me cegar, nem me levaria jamais a solicitar, isolada ou colectivamente, medidas de rigor para os circos, no intuito de proteger a arte nacional. Este intuito, figura-se-me servir o melhor, de maneira bem diversa. Subsídios para os teatros e guerra aos circos, pode ser tudo quanto queram, menos leal concorrência. E o teatro, com o ser arte, não deixa de ser industria, e n'esta condição a sua livre exploração seria o nosso dogma.

A arte, fora dos odios e das rivalidades mesquinhias, exigiu a nossa primeira actriz, a grande Lucinda Simões, ao lado de Brásio, Augusto Rosa e João Rosa, formando-se em D. Maria uma escola de arte dramática, aberta a todas as vocações, e não um centro de dandysmo theatrical e de fomentação de vergonhosas questunculas preferencias infundadas.

Pelos nossos palcos, actrices e actores novos seguem, desorientando-sos uns, à falta de mestres, desaprendendo outros na suposição de croar *clique com facelis*, arrebiques e pretensões tresloucas. Pois d'entre esses transviados, julgo, cumpriria recrutar artistas, que se formariam com os ensinamentos dos que valem já hoje, e cujas aptidões em *doublures* e substituições se aquilataram.

Passarei a dizer o que se me depara do valor dos *Penedos do Inferno*, e do seu desempenho.

A peça, feita para um público hem outro do de D. Maria, dificilmente se poderia condenar ao gôsto dos frequentadores d'aquele teatro, fleiçoados a comedias francesas, vivas e urdidas de episódios d'as em um meio não tão estranho à sensibilidade portuguesa. Demais, o valor intrínseco dos *Penedos*, se é que no original tem algum, perdeu-se na versão, de todo em todo.

Seria longo e estopante fazer desfilar diante de quem me lê as escenas invértemos e desproporcionadas d'aquelle extravagante *pochade*. Baste, porém, citar, —oxalá que não recordar! — uma só d'essas phantasmagóricas creações do autor ou dos traductores. É a entrevista proporcionada por Leonilde (Amélia da Sil) cunhos dois namorados Emma (Umbelina) e Theodoro (Ferreira da Silva). Emma tem suspeitas de Theodoro, e quando este se quer justificar, a senhora Leonilde do Costa, olhar despedindo raios, sorriso nos labios, a reprimir uma formidável gargalhada, indica-lhes atitudes comicas: elle, rido, no banco dos ditos; elle, delegado do mistério publico, tendo por pulpito as costas de uma cadeira. Agora a veret, a senhora Emma da Conceição, automática e sublime, a phonographar um discurso, com philosophia do amor e mais partes.

A senhora Amélia da Silveira, ouvida a defesa do rido, com grande commoção geral, descobre uma lagrima no canto do olho do encantador Theodoro. *Tableau!* Congraciam-se os namorados, por entre risos ríthos da senhora Amélia e jubilo dos povos.

Uma delicia, como véam, que o arquivo de D. Maria devia intacta deixar aos nossos vindouros, esta comedia! O desempenho, salvo, aqui e ali, Augusto Rosa e Ferreira da Silva, é um desastre de ordem superior.

A senhora Amélia da Silveira, Joaquim Costa e Piñeiro pouco melhor andaram de que mal.

O papel de general da bomba, que decididamente não é dos que mais a caracter cábem no actor João Rosa, foi contrateiro, cheio de trucos e de artificiosos efeitos procurados pelo artista, a quem certamente não falta a compreensão, mas que se viu de tal modo deslocado que parecia um dos secundários do Príncipe Real, braccejando mais do que a um general, mesmo de farça, se podia tolerar em um teatro que tem seus ares de clasicismo na interpretação dos papéis e seu desempenho.

De Baptista Machado, sómente dirá que o seu exagero é corrente. A mesma graxa que em todos os seus papeis o indígena admira e celebra, foi a que nos formou com toda a sua *gaucherie*, desenvolta e aquella no-

O NACIONAL

JORNAL DA TARDE
POLÍTICO, NOTICIOSO, ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE
Collaborado pelos principaes escriptores do nosso paiz

DIRECTOR: MARIANO PINA

Feito sobre os ultimos modelos da imprensa europea; dirigido por quem, durante muitos annos, fez a sua apprendizagem jornalística em Paris; fora da influencia de qualquer partido politico; dando inteira liberdade de critica aos seus colaboradores politicos e literarios... O NACIONAL procurará ser no nosso paiz o que poucos jornaes tem podido ser — um jornal **absolutamente independente**, orgão de todas as correntes e de todos os sentimentos da opinião publica.

Para conseguir este fim, terá francesas as suas columnas a todos quantos desejem defender e sustentar uma idéa quando ella for justa e patriótica. As suas columnas não serão o exclusivo das idéas d'este ou d'aquelle grupo. Serão uma tribuna livre, onde todos dirão o que sentem e o que pensam.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Lisboa — Mez, 300 réis. — Trimestre, 900 réis.
Provincias — Mez, 400 réis. — Trimestre, 1200 réis. — Semestre, 2700 réis.

Número avulso — 10 réis

Escriptorios de O NACIONAL: — Rua Ivens, 20, Lisboa. Toda e qualquer correspondencia deve ser dirigida ao seu Director.

tivel desenvoltura paucie, que tão admirado o torna como actor-actor e homem de espírito.

A interpretação foi má, e o desempenho fora do habitual n'aquelle teatro.

E para lamentar que se aceitasse a comedia *Os Penedos do Inferno* no noso chamido templo da arte dramática, mas menos não é de espanto que, pondo-se em cena tais desconchavos, se exija benevolencia e amizade amigo do mesmo clidadão que assim se desconsidera.

Aqui tem os amigos uma verdadeira, que mais facilmente se encontra do que um homem ao meio dia. A' meia noite a nda seria possível topar o senhor Colares Pereira, desferindo raios das lentes das surisquetas famosas, com aquella autoridade que o actor Costa tanto respeita quando se acha em cena. Mas de dia!... De dia não ha abaloamentos possíveis com homens; só se encontram verdades, n'esta terra de me tiras.

JOSÉ BARRO A.

O Oleo de figudo de bacalhao de Hogg é melhor do que as emulsões e do que todos os oleos que se acham no commercio. Os medicos de todos os países prescrevem o oleo Hogg que se vende em frascos triangulares nas Boticas. O oleo Hogg obteve a mais elevada recompensa na Exposição de 1889 em Paris. (Ver nos anuncios.)

SUSPENSORIOS MILLERET, elasticose sem passadeiras. Le Gonidec, 13, r. Etienne-Marcel, Paris.

A nova instalacão da Perfumaria Oriza L. Legrand (11, place de la Madeleine, Paris (antes da rue Saint-Honoré, Paris) é verdadeiramente uma da mais luxuosas. Cada dia, das 4 horas as 7 da tarde, os armazens convertem-se em verdadeiros salões onde se dão *randonées* á boa sociedade de Paris para adorar as ultimas descobertas dos productos da casa, entre os quais os mais famosos são as assencias de *Mimosa* e de *Bouquet Lyra* para o lenço, assim como toda a perfumaria «Oriza à la Violette» do Czar.

Todos os perfumes solidificados, inventados ultimamente por M. Raynaud e que são em numero de doze perfumes deliciosos, sob a forma de Ingles e de pastilhas, estão também muito em moda. Com estes perfumes basta esfrregar ligeiramente sobre os objectos, para os perfumar instantaneamente. Peçam o catalogo circumstanciado ao sr. L. Legrand, 11, place de la Madeleine, Paris.

Companhia Nacional Editora

50, Largo do Conde Bardo, Lisboa.

Typegraphia, Rua da Rosa, 300, Lisboa.

BIBLIOTHECA DO POVO

E DAS ESCOLAS

A 50 RÉIS O VOLUME

Cada serie de 8 vol. encadernados em percalus..... 500

Estado publicados 186 vol. tratando cada um da sua especialidade

MARROCOS e CONSTANTINOPOLA

Descriptoes de viagens

Por EDMUNDO DE AMICIS

Obras splendidamente ilustradas cosa circa de 400 grav.

Traduzido do PINHEIRO CHAGAS

Está publicado o 1.º vol. — MARROCOS, o om. con.

mais o 2.º — CONSTANTINOPOLA.

Preço do 1.º volume, brochado..... 3.800

Encadernado com folhas douradas..... 4.800

O PHOTOSPHÈRE

Brevete

S. G. D. G.



A photograph pelo PHOTOSPHÈRE, tratado pratico de photographia instantânea. 4 pratos fata de ferro. Mandia-se Franco contra 1.2.10 cm valle do correio ou telégrafo.

CIE FRANÇAISE DE PHOTOGRAPHIE

PARIS. — 7, rue Solferino. — PARIS.

O PHOTOSPHÈRE — Este apparelho é duma construção e d'uma forma absolutamente novas, d'as resultados d'uma perfeição absoluta. Tem um peso muito leve (350 gr.) e é todo construído de metal pretrado e oxidadó. As provas obtidas são da dimensão de 8 cent. sobre o. O apparelho está sempre pronto para funcionar. Não é preciso nem armá-lo, nem mettê-lo em foco. Escoller o assunto na mira e carregar n'uma alavanca, e a operação está feita. Pode-se operar durante a marcha d'um carro ou d'um caminio de ferro, ou quando se vai a cavalo. Muitos officies possuem já este apparelho. Preço do Photosphère com estojo de cabeçal, mira e trez chassis doubles, 45 francos.

Cada duzia de placas 8 x 4 fr. 75.

A LAMPADA PHOTOSPHÈRE é um pequeno apparelho por medio do qual se pode fazer a photographia instantânea a escrúpulos, ou em qualquer sitio pr'vado de suficiente luz. Basta acender esta pequena lampada, apertar a boracha secamente, e produz-se um relampago tão vivo que a placita impressão d'isso produz um magnifico cliché. Preço da Lampada photosphèra contendo 30 cargas, 15 fr. Cada pacote de 30 cargas, 4 franco.

ALAMPADA PHOTOSPHÈRE

Brevete

S.G.D.G.



GUERLAIN de PARIS

18, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS



Printemps
NOVIDADES

Envia-se gratis e franco

O catálogo geral ilustrado, em português ou em francês, contendo todas as novidades para a ESTAÇÃO de INVERNO a quem o pedir em carta devidamente franqueada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & C°
PARIS

São igualmente enviadas franco as amostras de todos os tecidos que compõem os inúmeros artigos de **PRINTEMPS** correspondendo ao que os generos e os preços.

Envia-se para todos os países do mundo.

Este Catálogo indica as condições para a expedição.

Correspondência em todas as Línguas
CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:

* TRAVESSA DE S. NICOLAU, 102-1.



FUMADORES
CACADORES, PESCADORES, VIAJANTES, etc.,
NÃO SE SIREN SEMPRE DA ISQUEIRA

L'ECLAIR

A única verdadeiramente prática e duradoura
Preço: 2 Fr. 75 francos contra um valo do correlo
MARTAIN, 19, rue d'Enghien, Paris.

Manda-se prospecto explicativo a quem o pedir por carta franqueada.

BISMUTHO ALBUMINOSO BOILLE 100 g.
dyserteria, diarrhoea, gastralgia, colicid.

GRÃOS de BROMHYDRATO de QUININA BOILLE sintetis nevralgias,
febres, enxaquecas, Gota. — 41, rue Bruxelles, PARIS, e Paris.

LA CHARMERESSE

Pó refrigerante, o non plus ultra dos pós de belleza. A composição absolutamente nova no ponto de vista da higiene, a sua finura, metade das 1000 partículas, é a sua perfeita adherencia, formando recipientes a seu uso para as peles delicadas. Refresca a pele, distingue as roupas, dá ao rosto a brilhosa pulida, agrada e descreve do canelado e faz desaparecer excesso por excesso todos os imperfeições (vermelhidão, vermelhização, etc.) Parce que é de uso, basta o espetacular, solicitem a **CHARMERESSE CONCENTRADA**, a satisfactoriamente em **exclusivo** armário adherente. **GRANDE NOVIDADE**. — **DUSSERRE**, inventor, Rue J.-J.-Houssier, n.º 1, Paris. — Em Lisboa: GODFROT, Rue Garrett, 81; BENARD, Rue Urquhart, 75; ESS & C. & Cia, Praça D. Pedro (Rossio), 100; Godfrey & Co, Rua das Carmelitas, 12, Lisboa; e Brasil.



ESPARTILHOS
LÉOTY
Adoptados pelo
high-life
parisiense.
6, P. de la Madeleine
PARIS



PILULAS de PEPSINA
DE
Pharmaceutico
EN PARIS
2, rue de Castiglione

I PILULAS NUTRITIVAS de Pepsina acidificada contra as afecções gastralgicas, displopseias, etc., e nos casos em que a digestão é difícil ou impossível. — 5 Fr. o frasco de 100 pilulas, 3 Fr. o molho frasco. Dose: 2 pilulas antes 2 outras depois das refeições.

2º PILULAS de Pepsina e de Ferro reduzido pelo hidrogeno contra as moléstias crónicas e as afecções que dependem das perdas brancas, crises pallidas, menstruações difíceis, etc., e para fortificar os temperamentos debilitados. — 4 Fr. o frasco, 2 Fr. 50 o molho frasco. Dose: 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e à noite.

3º PILULAS de Pepsina e Lodero de Ferro contra as moléstias anæmicas, hemipatias e synklinias, etc., pitíalises, e oncochia atroficas ou as afecções atónicas geradas da economia. — 4 Fr. o frasco, 2 Fr. 50 o molho frasco. Dose: 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e à noite.

Estas três series de pilulas são prescrições diariamente pelas mais autorizadas médicos.

REPOSIТО na principais PHARMACIAS do BRASIL

Mudança de Domicilio
PERFUMARIA-ORIZA
L. LEGRAND, de PARIS

11, Place de la Madeleine, fántas 207, Rue St-Honoré, PARIS

PRODUCTOS RECOMMENDADOS

SABONETE ORIZA MACIO
CREME-ORIZA
ORIZA-LACTEO
ORIZA-OLEO
ORIZA-TONICA

Belleza do rosto.
de todos os perfumes.
água de toalete.
Assovio das Cabecitas.
de arcos.
veludo.

ORIZALINA, tintura instantânea.



Última Novidade

Produtos especiais De VIOLETA de CEAR

ESS-ORIZA SOLIDIFICADO, de baixo da forma de Lapis e Pastilhas de 12 Cheiros.
A variação em todos os cabellereiros e casas de Perfumarias.

CAUTELA COM AS CONTRAFACCIONES

CALLIFLORE PATE AGNEL
Amygdalina & Glycerina

Este excellente Cosmético branqueia e amacia a pele, preservar o Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a suavizada; pelo que respeita ás mãos da solidez e transparencia das unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, em PARIS
FÁBRICA & EXPEDIÇÕES : 18, AVENUE DE L'OPERA
E nas suas Sete Casas de venda por meio nos bairros mais ricos de Paris.

LISBOA. — MM. V. de CASTAN-José da Costa e F., rua Nova do Carmo, 68 e 78.

Em todos os Perfumistas e Cabellereiros
de França e do Exterior

A VELOUTINE
Pô d'Arto especial
PREPARADO COM BISMUTHO
Por CH. FAY, Perfumista
8, rue de la Paix, PARIS

FERRO QUEVENNE buto aprovado pela Academia de Medicina de Paris.
Cura Anemia, Febreza, Sangue, Doras, Doras e Metomagno. — 40 annos de successo.
Engr. em cada frasco de Ferro Quevenne o sello de "Sociedade FA. HIGUCHI". 14, r. Beaux-Arts, Paris.

DIGESTÕES EFFICÍES **DOENÇAS do ESTOMAGO** **GASTRALGIA ANEMIA**

Dyspepsia **Vomitos**
Perda **Diarréa**
de Appetito **chronica**

TONICO - DIGESTIVO como QUINA, COCOA e PEPSINA
ADODADO EM TODOS OS HOSPITAIS — Medalhas de Ouro e Diplomas de Honra

PARIS — GREZ, 2, rue La Bruyère, e em todas as Pharmacias

ASTHMA E CATARREHO Dr. Franco
Curados com **CIGARROS ESPIC** Dr. Franco
Operações, Tonsilite, Cistoadenite, Neuralgia,
Dores de estômago, de Portugal e de Brasil. — PARIS, Venha de Paris,
2, BISPL, Rue St-Louis, 12. Envie-nos seu endereço para a Cia.